

PEDRO LAINS

Historiador económico

«Passos não ganha eleições com a actual política económica»

Pedro Lains diz que a austeridade está a ser excessiva e mal aplicada e que é necessária uma «inflexão» na forma como os problemas da economia portuguesa estão a ser resolvidos

LUÍS GONÇALVES
luis.goncalves@sol.pt

QUE balanço faz de Portugal após um ano com a troika?

O balanço é 75% positivo. O lado positivo é a existência de coesão social na sociedade portuguesa face aos ajustes necessários para se relançar a economia e voltar a um padrão de crescimento mais sustentável e menos dependente de financiamento externo. O balanço é, porém, negativo em vários planos.

Quais?

Na parte política, o Governo actual tem aspectos negativos desde o início. Desde logo, as promessas que fez e que sabia serem irrealizáveis. O corte das 'gorduras' do Estado, que afinal não existiam, ou a libertação da economia do Estado, que também não está a ser feita, como se provou com a recente privatização da EDP e nomeações para o seu Conselho Geral, por exemplo. A forma como o Executivo está a gerir os custos do ajustamento é outro aspecto negativo. Estes custos têm sido pa-

gos pela classe média e pelas classes mais baixas, porque são as que dependem mais do Estado e das transferências sociais. A intensidade do ajustamento e o 'além-troika' estão a ser excessivos.

A coesão social está ameaçada com a manutenção ou agravamento da austeridade?

Sim, mas não acredito que cheguemos a essa situação. Passos Coelho quer ganhar eleições, mas se continuar a actual trajectória não vai conseguir. É por isso que o PSD já está bastante assustado com o primeiro-ministro. Em outros países, é normal que os ministros das Finanças mudem e não durem uma legislatura inteira.

Vitor Gaspar pode não aguentar a legislatura?

O ministro das Finanças colocou-se num caminho de alguma irreversibilidade, que pode ser resultado de alguma inexperience política ou de uma questão pessoal. Atendendo às suas qualidades técnicas, penso que seria melhor ser o próprio Vitor Gaspar a comandar a alteração de política económica actual, mu-

dança que é absolutamente necessária. Os sinais de insatisfação face à forma como estão a ser distribuídos os custos do ajustamento são visíveis e Portugal não está a conseguir fazer o que é necessário só com austeridade, porque é muito difícil ou impossível. Tem de haver alguma inflexão no modo como os problemas da economia portuguesa estão a ser atacados.

O Governo tem consciência dessa inflexão?

Dentro do PSD, seguramente sim. No Governo, não sei.

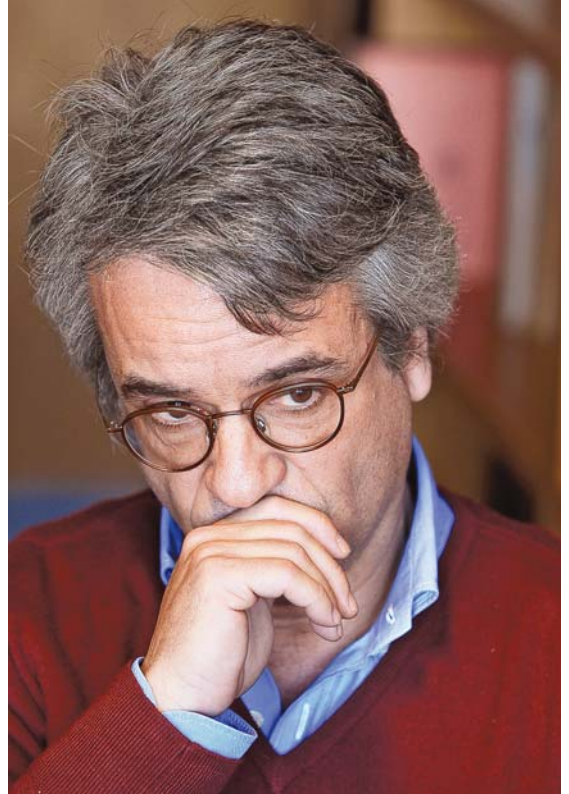
Surpreenderam-no as declarações de «viragem económica», este ano 'decretada' pelo ministro das Finanças?

É Vitor Gaspar um pouco cansado de esperar por novidades e é um síndrome dos ministros em Portugal, que estão sempre à espera de melhorias. Não há grandes custos políticos em Portugal em dizer que o país vai sair da crise no curto prazo e provavelmente até há alguma esperança. Dentro do PSD, havia pessoas convencidas que os ratings iam descer com a mudança do Governo, outros que os mercados iriam reagir positivamente com o acordo da concertação social. Os acordos laborais não interessam absolutamente nada às agências de rating. O que lhes interessa é a macroeconomia e saber se a evolução está no sentido desejado.

A forte quebra de receitas de 2011 é um prenúncio perigoso para as metas do Governo este ano?

A quebra de receitas fiscais é o grande risco de 2012. Mas, como o Governo fez um OE2012 excessivamente cauteloso, até pode acontecer que, no final, sejam melhores. Muitas agências internacionais estimam uma contracção da economia superior à do OE2012, o que sinaliza eventuais orçamentos rectificativos este ano. A transferência dos fundos de pensões da banca para o Esta-

Fotografias JOSÉ SÉRGIO



Com Vitor Gaspar, Portugal está nas mãos de alguém com um pensamento um pouco extremo

As agências de rating não ligam a acordos laborais

A transferência dos fundos de pensões foi do outro mundo

vidas que a troika e a comunidade internacional têm. A decisão de adiar prazos será tomada pela Comissão Europeia, Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Central Europeu (BCE), e estas instituições não estão de acordo sobre a melhor solução. O FMI já salientou que demasiada austeridade coloca a retoma em causa e o Governo não está a jogar com esse trunfo. O Executivo está à direita da troika, é mais BCE e Bruxelas. Vitor Gaspar acha profundamente que é com esta austeridade que a situação deve ser resolvida. Portugal está na mão de alguém que tem um pensamento um pouco extremo. Seria preferível uma reestruturação da dívida ou um segundo pacote de ajuda?

Não sei o futuro, mas sei que a história da Grécia nesta crise tem sido a história de Portugal. Pode fazer sentido a Grécia sair do euro, mas não Portugal. E não deve. Até porque a história económica e financeira portuguesa prova que o país tem conseguido adaptar-se a zonas de taxas de câmbio fixas, enquanto a Grécia nem por isso. Portugal não regressa aos mercados em 2013 e é provável um segundo pacote. Se o quadro for manter Portugal no euro e deixar sair a Grécia, é preferível que Portugal não faça essa reestruturação da dívida. Se os dois países se mantiverem na moeda única, então seria melhor Portugal avançar para esse perdão de dívida.



Perfil

Pedro Lains é investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e professor convidado da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica de Lisboa. É licenciado e agregado em Economia pela Universidade Nova de Lisboa e doutorado em História pelo Instituto Universitário Europeu, em Florença. Publicou recentemente o livro *História Económica de Portugal*, em colaboração com Leonor Freire Costa e Susana Munch Miranda. Como obra tem ainda a *História da Caixa Geral de Depósitos e Agriculture and Economic Development in Europe since 1870*.

Para ler o QR Code, tem de possuir um *smartphone*. Aceda à aplicação que 'descodifica' o QR Code, aponte a câmara do seu telemóvel para o QR Code. Esta vai ler a informação do código, mostrá-la no visor e redireccioná-la para o conteúdo.



«O euro foi um mau negócio para Portugal»

NO seu livro *História Económica de Portugal*, diz que para acabar de construir o euro é preciso perceber que o problema é geral. Paris e Berlim sabem isso?

Eles sabem que é geral, não conseguem passar essa mensagem aos eleitores e traduzir isso em votos. Os políticos são pagos para ganhar eleições e as mudanças de opinião só acontecem quando sabem que é o caminho para a vitória. Em França, por exemplo, Nicolas Sarkozy está virar à esquerda e anunciou a Taxa Tobin, uma ideia que há dez anos só os marxistas defendiam. Ninguém sabe se os modelos que podemos pensar para solucionar a crise vão funcionar. Se a Alemanha decidir despejar dinheiro pela periferia, a crise na Zona Euro resolve-se? Ninguém sabe. As sociedades não podem ser governadas por modelos ou ideologias, mas sim por tentativas. Os governos europeus têm de falar entre eles e o Governo português tem de falar mais com a Europa

Passos e Gaspar deviam estar mais em Bruxelas?

Claro. Pedro Passos Coelho devia ir regularmente a Bruxelas fazer pressão e colocar lá o ministro das Finanças o tempo todo. O Governo está a mudar leis, não a governar.

Desde o início do euro, em 1992, que a economia, a produtividade e o emprego em Portugal estão a cair fortemente. A entrada no euro foi uma má ideia?

O euro foi um mau negócio para Portugal, mas não sabemos se não foi o melhor negócio que podíamos ter tido. A economia portu-

“**Se o actual nível de divergência económica se mantiver mais dois anos, Portugal está próximo de sair do euro**

Se a Grécia ficar na Zona Euro, Portugal deve avançar para um perdão de dívida

O Governo está a mudar leis, não a governar

Passos Coelho devia ir regularmente a Bruxelas e falar mais com a Europa

guesa foi gerida desde 1986 como uma economia que se iria integrar na Europa. Era assim permitido fazer sucessivos endividamentos que resultariam num crescimento acima da média europeia e que pagariam esse endividamento inicial. Agora a economia já não pode ser gerida dessa

forma. É por isso que o equilíbrio através da austeridade é fundamental, mas não o empobrecimento nem esta situação exagerada a que se chegou em Portugal.

Após quase dez anos a divergir da Zona Euro, e com o programa da *troika* a aprofundar esse processo até 2013, pode dizer-se que, economicamente, Portugal está a sair do euro?

Portugal não está, mas a economia está a sair do euro. Politicamente, há condições para nos mantermos no euro mas, se nada for feito, essa divergência económica vai tornar essa manutenção mais difícil.

Isso pode acontecer quando a vontade política da União Europeia (UE) acabar?

A questão actual é se Portugal se deve manter no euro e que metas temos de falhar para que o país comece a pensar seriamente em sair da moeda única. Se a divergência económica se mantiver mais um ano ou dois com o nível actual, acho que estamos muito próximos de sair do euro. Se a Europa crescer a 0% e Portugal contrair a 3% durante dois anos.

Como é que esta crise vai ser recordada?

A crise actual vai ser uma das três principais do século: a crise do *subprime*, da dívida soberana e agora do euro. Se esta última não for resolvida, teremos uma quarta, a crise da integração europeia. Em relação em Portugal, esta é mais uma crise da abertura ao exterior. Mas, como todos os historiadores económicos sabem, todas as crises têm soluções.

L.G.

Quente & Frio

Por TÂNIA FERREIRA



NUNO AMADO

ACEITOU o desafio lançado pelos accionistas do BCP, em particular os angolanos da Sonangol, e saiu do Santander Totta, onde fez carreira, para liderar o maior banco privado português. Troca assim o conforto de um banco internacional com resultados positivos e capitais reforçados por uma instituição descapitalizada e com prejuízo, que precisa de um tratamento de choque para dar a volta. Além da discrição e robustez técnica que o caracterizam, o banqueiro de Torres Vedras mostra agora que não tem medo do (alto) risco.



PEDRO GONÇALVES

O EX-PRESIDENTE da construtora Soares da Costa continua a dar o tudo por tudo no sector da construção, que vive em Portugal momentos de grande aflição com empresas à beira da falência, despedimentos e salários em atraso. O gestor é, com Eduardo Rocha (ex-Mota Engil), o mentor de um fundo de investimento para ajudar as construtoras em dificuldades, que deverá arrancar já este mês, com um valor inicial entre 300 e 600 milhões de euros. Vai ajudar, mas não resolve tudo. Cabe às empresas encontrarem, depois, o seu caminho.



ÁLVARO SANTOS PEREIRA

MAIS uma semana cheia de más notícias para a economia portuguesa. O investimento empresarial caiu quase o dobro do esperado em 2011, perto de 40 mil empresas não conseguiram resistir ao ano passado e desapareceram do mercado, e o desemprego voltou a subir em Dezembro último. O país continua, desesperado, à espera das reformas estruturais que o ministro da Economia e do Emprego tanto tem apregoado, sem concretizar, para ajudar a dinamizar a competitividade nacional.



ANTÓNIO DE SOUSA

APENAS três bancos em Portugal – Santander Totta, Crédito Agrícola e Montepio – terão escapado à onda de prejuízos em 2011. Ainda assim, nem tudo serão más notícias na banca lusa. O presidente da Associação Portuguesa de Bancos (APB) garante que o sector está mais sólido do que nunca. «Apesar dos maus resultados, a solidez da banca está garantida», veio dizer esta semana o porta-voz do sector financeiro luso, com o intuito de acalmar a eventual ansiedade dos investidores e depositantes de bancos que registaram fortes prejuízos.

